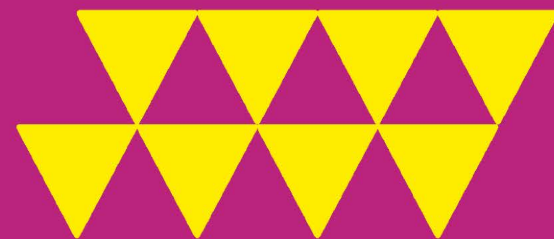




**POR QUE
FOTOGRAFAR?**

**VERBO
VER**
FESTIVAL DE
FOTOGRAFIA



**POR QUE
FOTOGRAFAR?**

PROJETO EDITORIAL | Terra da Luz Editorial
COORDENAÇÃO EDITORIAL | Patricia Veloso
TEXTOS | Carlos Carvalho, Silas de Paula e Patricia Veloso
PROJETO GRÁFICO | Barbara De Salvi
REVISÃO DE TEXTOS | Luiz Carlos Farias e Camile Queiroz
PRODUÇÃO EDITORIAL | Laís Cordeiro
FICHA CATALOGRÁFICA | Gabriela Dantas
PRODUÇÃO GRÁFICA | André Carneiro
IMPRESSÃO | IPSIS Gráfica e Editora

TERRA DA LUZ EDITORIAL
Rua Rocha Lima, 1707
CEP 60135-285
Fortaleza/CE - Brasil
Telefone (+55) 85 3261.0525
www.terradaluzeditorial.com.br

Foto de capa:
Jamille Queiroz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – (CIP)

V479 Verbo Ver: Por que fotografar?

Verbo Ver: Por que fotografar? / [textos Carlos Carvalho, Patricia Veloso e Silas de Paula]. – Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2019.
116 p. : il., fots. col. ; 23 x 21cm

ISBN 987-85-88112-43-8

1. Fotografia – Brasil. 2. Fotografia – Catálogo I. Carvalho, Carlos.
II. Veloso, Patricia. III. Paula, Silas de. IV. Título.

CDD: 770.981
CDU: 77.01

REALIZAÇÃO:



AGRADECIMENTO:



"Terra da Luz é apoiada pela
Secretaria Estadual de Cultura
Lei nº 22.921, de 18 de Agosto de 2009"



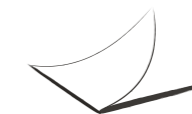
APOIO INSTITUCIONAL:

Patricia Veloso
Coordenadora



POR QUE FOTOGRAFAR?

MOSTRA DE
FOTÓGRAFOS
CEARENSES



Terra da Luz Editorial

Fortaleza, 2019



FOTOGRAFIAS

Bárbara de Moira	...	12
Beto Skeff	...	16
Chico Gomes	...	20
David Einstein Rabêlo	...	24
Deivyson Teixeira	...	28
Delfina Rocha	...	32
Demétrio Jereissati	...	36
Fernando Jorge	...	40
Fernando Maia da Cunha	...	44
Galba Nogueira	...	48
Henrique Torres	...	52
Ianara Alencar	...	56
Jamille Queiroz	...	60
Júnior Pimenta	...	64
Leo Henriques	...	68
Marília Oliveira	...	72
Matheus Dias	...	76
Ney Onofre	...	80
Osmar Gonçalves	...	84
Rafael Vilarouca	...	88
Régis Amora	...	92
Ricardo Arruda	...	96
Sérgio Carvalho	...	100
Tarcísio de Almeida Filho	...	104
Valdir Machado Neto	...	108

TEXTOS

Silas de Paula	...	07
Carlos Carvalho	...	10
Fotógrafo homenageado	...	112
Programação do festival	...	117
Quem somos	...	118

Por que fotografar?

Silas de Paula

Há alguns anos, o Encontros de Agosto tem debatido e exemplificado visualmente essa questão, além de levar os fotógrafos e suas imagens para outros cenários no Brasil e no exterior. Sempre tivemos em mente o processo de formação e circulação dos trabalhos e este ano, com uma nova proposta, o “Verbo Ver Festival de Fotografia” avança e prioriza oficinas e palestras, reforçando, assim, a famosa citação de Louis Marin: “Existe uma diferença crucial, entre ver e olhar. Olhar é o ato natural de receber nos olhos a forma e a semelhança. Já ver é considerar a imagem e a tentativa de conhecê-la bem, fazendo com que o observador constitua-se como sujeito”.

A cultura contemporânea está muito mais baseada naquilo que vemos do que no que lemos e é necessário avaliar o ato de ver como um produto das tensões criadas pelas imagens externas e os processos mentais internos. As imagens que nos cercam transformam não só nosso mundo e as nossas identidades, mas têm um papel cada vez mais importante na construção da nossa realidade social. O mundo está mudando e é preciso encontrar na fotografia aquele lugar que permite a liberdade e o pensamento, instâncias que surgem como acionadoras de deslocamentos estéticos e políticos, um espaço onde possa-se caminhar no múltiplo, jogar com as hierarquias para relacionar-se com o sensível, pois todas as imagens são consanguíneas, como disse Virilio, e a imagem mental – a imagem virtual da consciência – não pode ser separada da imagem ocular, nem tampouco separá-la da imagem corrigida óticamente que é aquela vista através de lentes, pois instala-se numa área de imponderabilidades que é, em sua constituição, o espaço da crise e do encontro crítico. Portanto, a história da fotografia é uma história de tensões e a aventura do olhar possibilita desdobramentos que são imprevisíveis.

O Festival Verbo Ver quer isso, uma preocupação com a imaginação e a conceituação, sem uma falsa polarização entre passado e futuro, entre fotografia e cultura digital, uma possibilidade de criação onde a imagem se força a pensar e a fazer pensar.

In stillem Gedenken

A funeral wreath is shown, composed of dried, brown roses and vibrant pink roses, interspersed with green evergreen branches. A black ribbon is draped across the center of the wreath, bearing the Dutch phrase "In stillem Gedenken" in a white, elegant script font. The wreath is placed on a dark, textured surface, possibly a grave or a table.

Carlos Carvalho

Desde seu nascimento, no século passado, a fotografia vive sob constantes desafios, seja no universo estritamente técnico, que permite diferentes sintaxes, criando tempos e expansões, ou nos questionamentos filosóficos, quando se pretende, participando dos debates das sociedades.

Após ter enfrentado a desconfiança sobre a sua presença no mundo das artes — isso depois de alcançar a maioria no campo documental e da informação, sem jamais ter pretendido ser um agente reproduzidor fiel da realidade — eis que a fotografia enfrenta, talvez como nunca, a tarefa de permanecer servindo para algo. É inegável sua contribuição em estabelecer a conexão da arte contemporânea com a busca humana de encontrar um porquê de si mesma.

Ao descrever sua primeira experiência pessoal, quando apreciava um quadro de Pollock, aos 13 anos de idade, a poeta portuguesa Matilde Campilho nos apresenta uma das melhores definições sobre o papel das artes na vida das pessoas: “A arte salva momentos”. Salvar é, com certeza, um dos verbos que se pode atribuir ao caráter da fotografia. Salvar como possibilidade de permanecer ou salvar no sentido de guardar para depuração.

O Verbo Ver – Festival de Fotografia, parafraseando a própria fotografia, nasce com uma provocação explícita já em seu próprio nome. Patrícia Veloso, criadora e curadora do festival, estabelecendo uma plataforma para diálogos, lança aos fotógrafos a chave mestra: por que fotografar? Não se trata de uma pergunta, mas de uma assertiva. Seis fotógrafos, com diferentes tempos de carreira e linguagens, foram chamados a expor suas razões pessoais, profissionais e filosóficas sobre: por que fotografar?

As narrativas apresentadas por Isabella Lanave, Tiago Coelho, Luiz Baltar, Beto Skeff, Celso Oliveira e Marília Oliveira apresentaram seis ideias de momentos a serem preservados, para o bem ou para o mal, cujos conceitos não são criados, mas sentidos pela fotografia. Todas as narrativas aqueceram os corações da plateia. Todas respiravam.

Convidado para palestrar no festival, o professor e pesquisador Ronaldo Entler alertou a todos que a assertiva poderia se transformar na indagação: por que fotografar? — com ênfase na possível utilidade ou não de fotografar nos dias de hoje. Sua palestra buscou o caminho de muitos questionamentos possíveis para firmar a força da ideia da fotografia como forma de pensamento, em uma sociedade dominada por aplicativos e instantaneidade.

Retomando a proposta da poeta portuguesa, em que um verbo se torna a essência — maior que o momento — quais outros verbos são necessários para que a sociedade consiga ver a si própria e aos impactos sociais e culturais a que está submetida? Que alianças verbais podem auxiliar o fotógrafo a transitar nas geopolíticas das imagens, salvando a si próprio e participando do salvar momentos? O que é necessário para que o fotógrafo permaneça à altura da fotografia?



Bárbara de Moira

Casca - carne

O tudo e o nada são impermanentes.
O mundo gira, o rio flui, as estações mudam.
Seguindo o mesmo fluxo natural,
também o nosso corpo muda.
Mudam-se os movimentos, a maneira
de se ser e de se portar no mundo.
As dores e os sabores, a rigidez da
casca-carne, os arrepios e as sensações;
tudo é impertinentemente impermanente.
E assim, no fluir do corpo-alma, através da
vaga dança cósmica que rege esse Universo,
ainda, mudam-se os passos, o ritmo,
os timbres e as harmonias;
além dos temores, dos tremores primários
e dos batimentos dos corações.
Tudo em perfeita sintonia
com a entropia soberana,
alinhando-se sorrateiramente com o novo,
que a cada segundo se esvai
e que já se foi.

Ex-futura bióloga que não aguentou o não ser artista. Experimenta o fazer artístico através da fotografia, da performance, do bordado e da instalação. Suas pesquisas são permeadas com questões de impermanência, gênero e afetividades através de uma perspectiva feminista e abstrusa.





Beto Skeff

Currais de almas

Nos anos de 1915 e 1932, duas terríveis secas assolaram o sertão cearense e provocaram migrações em massa, com milhares de pessoas fugindo do interior em direção à capital Fortaleza em busca de sobrevivência. Com o temor da intensa invasão e para barrar essas famílias de chegarem ao litoral, o governo criou espaços que se assemelhavam a campos de concentração, chamados de Currais do Governo. A espera, o definhar paulatino, o lento transformar em esquecimento das lembranças do que foi o seu desejo inicial de migração. Entre os delírios e o desejo de sobreviver, tal qual o personagem Fabiano de *Vidas Secas*, o sertanejo devia persistir, ansiando dizer a si mesmo: “Fabiano, você é um homem”, mas o que conseguia balbuciar era somente: “você é um bicho, Fabiano”.

Graduado em Design com especialização MBA em Marketing, é fotógrafo, produtor cultural e educador. Em 2009, Menção Honrosa no XV Unifor Plástica. Participou de todas as edições do Encontros de Agosto a partir do ano de 2012. Em 2014 e 2016, integrou exposição coletiva do Festival de Fotografia de Tiradentes (MG). Contemplado pelo edital de concessão de apoio financeiro à produção e publicação em artes, de 2016, do Instituto Bela Vista em parceria com a Secultfor. Em 2018, foi idealizador e um dos realizadores do Qxas - Festival de Fotografia do Sertão Central. Também em 2018, vencedor na categoria Portfólio do Verbo Ver Festival de Fotografia e do concurso Prix Photo Aliança Francesa.





Chico Gomes

Francisco de Canindé

Romaria de São Francisco, festa religiosa centenária que, em nove dias, faz da cidade de Canindé um templo da fé e da devoção. A estrada é o caminho da penitência onde homens, mulheres e crianças, muitas vezes a pé e de lugares distantes, vêm em busca de pagar suas promessas e pedir novas graças a este santo tão amado. Nesse cenário, questiono: o que há por trás dessa fé tão latente, de seus sacrifícios, muitas vezes, insanos, por caminhadas longas de dias em asfaltos quentes, sob um sol castigante bem comum do Nordeste? Há rostos cansados, mas também semblantes com a certeza de dever cumprido. Existem pessoas de osso e carne, que doam seu tempo, esforço e ardor para cumprir e pagar o que pediram em nome da fé. No ensaio *Francisco de Canindé*, as imagens propõem um passeio por expressões de fé, com especial enfoque nessas “pessoas comuns”, com uma percepção bem humana de que a fé os torna maiores. São fotografias de momentos únicos da razão de ser destes romeiros, personagens principais deste ensaio.

Fotógrafo nascido em Fortaleza. Aos 35 anos, descobre a fotografia em sua vida e passa a exercê-la como expressão artística. Com formação técnica em Audiovisual e Administração, possui também ensino superior em Design de Moda. Já integrou mais de 30 exposições entre coletivas e individuais no Brasil e no exterior, conquistando alguns prêmios. É um dos fundadores do Instituto da Fotografia do Ceará - IFoto, e coordena um dos maiores eventos desse campo artístico no estado, a Feira da Fotografia, da qual é idealizador.





David Einstein Rabêlo

Viagem no tempo

O ensaio *Viagem no tempo* apresenta a interconexão da velha e da nova Cuba. Captura a expressividade do seu povo, a cultura, as cores, as formas e as relações peculiares entre preservação, construção e transformação desse lugar único, vivo e forte. As fotografias apresentam a Cuba de possibilidades e diversidade, a essência dos caminhos e protagonistas que contam a história que foi e constroem a que virá, em um eterno confronto harmônico entre passado e futuro. Apreende os traços do saber, o sorriso marcante, o olhar voraz, a alegria da simplicidade, a força do movimento e a benevolência das relações.

Nascido em 1994, quixeramobinense, fotógrafo autodidata. Vencedor do concurso fotográfico nacional “Eu sou o click de Natal” Nikon, no ano de 2016. Participou de uma vivência fotográfica em Cuba com o fotógrafo Celso Oliveira. Integrou as exposições fotográficas: *Nós o Sertão*, Laboratório Emílio Ribas, Fortaleza (CE), 2018; *Sertão Maria*, Memorial Antônio Conselheiro, Quixeramobim (CE), Secult/CE, 2017; *O olhar do outro*, Casa de Antônio Conselheiro, Quixeramobim (CE), Secult/CE, 2017; *De Olho no Tempo*, Quixeramobim (CE), Secult/CE, 2016.





Deivyson Teixeira

Emerso

Quando chove no Ceará, o coração se enche de esperança. Não é só o açude que transborda, junto com as águas vêm a alegria e o brincar. É uma brincadeira emocionada, respeitosa e barulhenta. Ao mesmo tempo em que se pode rir alto e esquecer as profundezas da escassez, é nesse encontro que um olhar observador tenta contemplar seres que saem da água e se emociona. Quase como um desaguar do céu, mas em emoções que gotejam a quebra do silêncio da natureza que emerge.

Formado em Jornalismo pela FaNor, integrou o Núcleo de Imagem do Jornal *O Povo* (2009/2015). Atua no mercado desde 2009 e busca retratar elementos humanizados a partir do cotidiano. Seu trabalho foi comentado no site Galeria de Rua e já participou de diversas exposições no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, onde integrou a equipe de Assessoria de Comunicação como fotógrafo oficial. Entre alguns eventos locais, destacou-se pela participação em: *Retrovisor* (2007); *Fotojornalismo: A Notícia como Arte* (2011); *Somos Todos Fotógrafos* (2012); *Festival Encontros de Agosto* (2011/2012/2013); *XVII Unifor Plástica* (2015); *Imagens não reveladas* (2017); *QXAS* (2018).



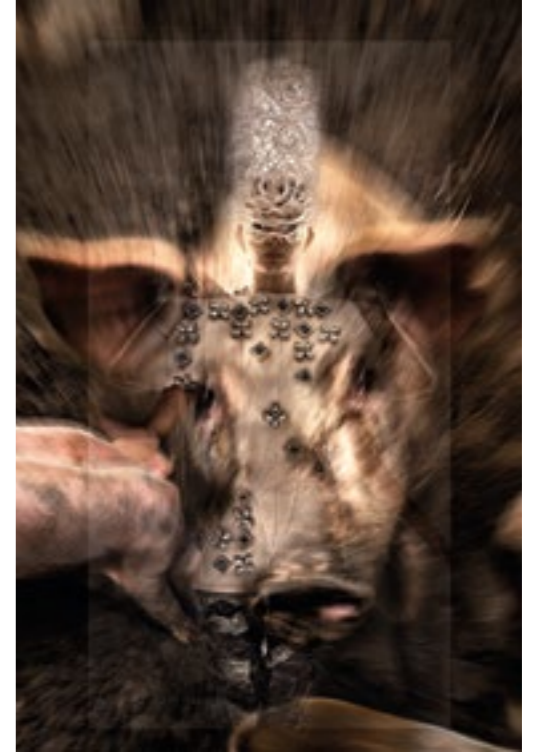
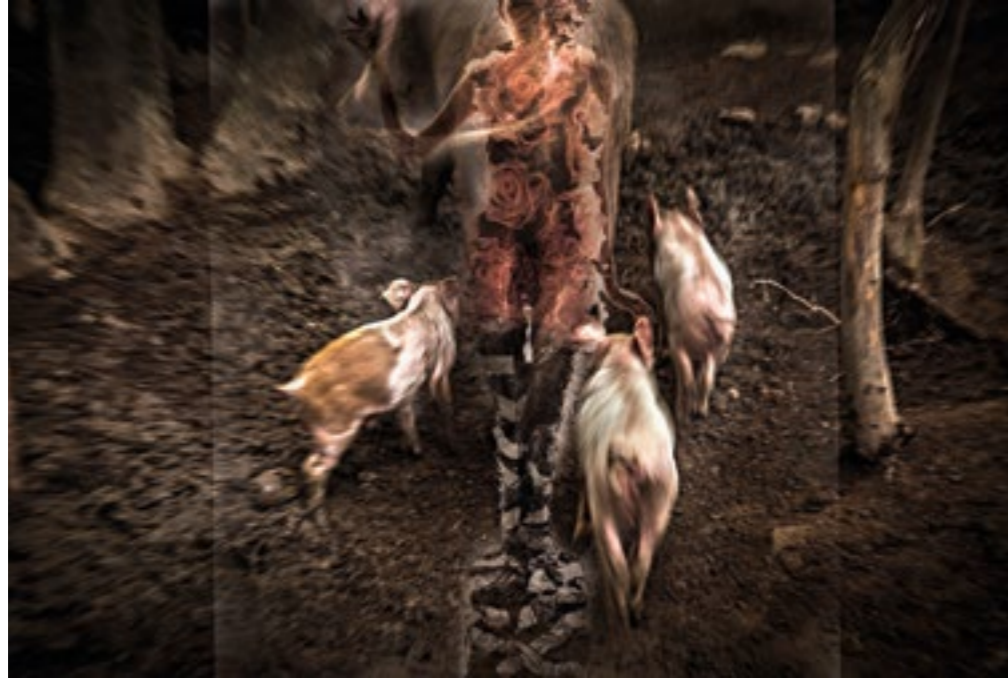


Delfina Rocha

Pérolas aos porcos

Em meio ao processo de ruptura com a estética asséptica, tão impregnada no meu trabalho publicitário, saí investigando novos temas e cheguei a uma região de paisagens rochosas. Foi ali, em meio ao nada que, inesperadamente, me voltei para uma pocilga que aprisionava alguns porcos. Naquele instante, seduzida, entendi que meu olhar havia sofrido um deslocamento — da imagem idealizada da natureza a minha volta, para uma estética suja e corrompida. Foi um salto para o caos, da ordem para desordem. Vi, naquela voracidade animalesca, na disputa pela comida, a mais clara metáfora da minha angústia pela busca da subversão da imagem. Depois, já no estúdio, essa subversão se concretizou durante a editoração dos arquivos, quando as imagens dos porcos começaram a ganhar a presença de ninfas emprestadas de minhas campanhas publicitárias que aos poucos foram se misturando e se entrelaçando em camadas digitais, criando assim uma imagem metafísica, de DNA híbrido.

Iniciou suas atividades na fotografia na década de 1980 como assistente de Chico Albuquerque. Primeiro lugar no Salão Universitário da Unifor. Menção Honrosa no Festival Mulher Maio Mulher. Fez cursos na Kodak (SP), com Louis Jav (NY University). Trabalhou com publicidade e *still* para cinema, de 1986 a 1993, em produções de Roberto Faria, Tizuka Yamazaki, Rui Guerra, Fábio Barreto, Hugo Carvana, Alvarenga Jr. e filmes de Renato Aragão e Xuxa. Em 1995, criou seu estúdio em Fortaleza, atuando em publicidade e moda. Publicou o livro *Sabores e Saberes do Ceará*, premiado no Printing Industries of America (2004), 2º lugar no XI Concurso Latino Americano Theobaldo de Negris (México), e finalista na categoria de livro de arte Fernando Pini pela ABGT.





Demétrio Jereissati

4:45 BM

Diariamente, por volta das 4:45h, uma vivência na cena de uma Beira-Mar que amanhece, a cada dia um olhar diferente sobre um cartão postal que se apresenta vazio, adormecido, revelando uma cidade que desperta aos poucos. Correndo ou pedalando, vou registrando na câmera ou na mente as imagens e cenas.

Nascido em Fortaleza, engenheiro civil, começou a fotografar em 2013, com especial atenção a fotos de rua e de natureza.

- Medalha de bronze no Festival Internacional Brasília Photo Show (2016)
- Encontros de Agosto (2017)
- Livro *A Poética das Janelas* (2018)
- Selecionado para o livro *Nossa São Paulo* (2018)
- Exposição Individual *CUBA 60* em Fortaleza (2019)
- Exposição coletiva *Salon de la Photo* em Paris (2019)
- Fotolivro *CUBA 60* (2019)
- Finalista selecionado da exposição Festival de Fotografia de Paranapiacaba (2019)
- Medalha de bronze no Festival Internacional Brasília Photo Show (2019)
- Menção Honrosa no Festival Internacional Brasília Photo Show (2019)



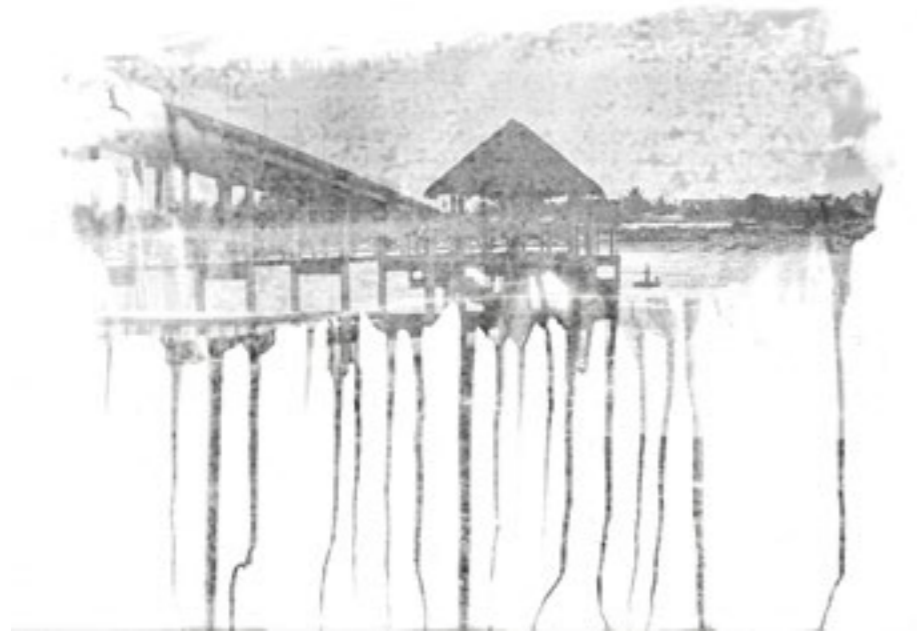


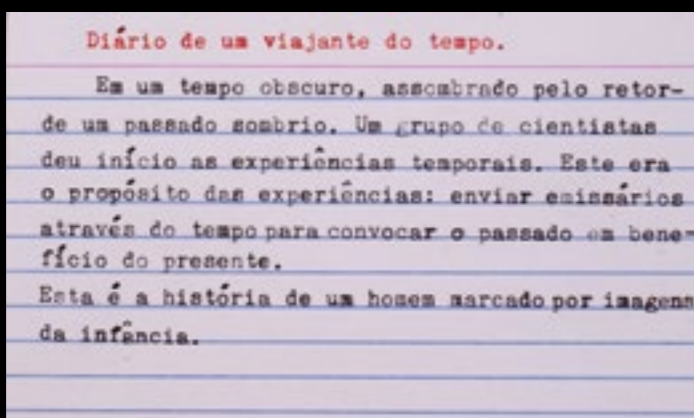
Fernando Jorge

Barra

A Barra do Ceará é o bairro que deu origem à cidade de Fortaleza. Marcada pelo encontro do rio Ceará com o mar, e pela ponte que o corta, a Barra do Ceará pode hoje ser considerada indicativo da dualidade que vive a capital cearense: há a cidade “pra turista ver”, e há o surto de violência urbana. O presente ensaio é metáfora, é rasgo, ferida. São fotografias em filme, ampliadas em laboratório fotográfico convencional, com o revelador sendo aplicado pontualmente em algumas áreas do papel fotográfico. A base do papel aparece em algumas digitalizações intencionalmente, deixando uma aparência encardida, suja. Em outras, o fundo é branco, quase chega a “encandear” pela alvidez. A fragmentação das imagens, a revelação parcial, a ideia de perecimento são sensações que surgem no decorrer da leitura do trabalho, e vão deixando o espectador incomodado. Ao mesmo tempo, busca-se uma reflexão sobre o estado atual das coisas, da topografia de uma cidade límbica, espremida entre passado e futuro.

Fotógrafo e professor de fotografia. Mestre em Comunicação e Artes na Universidade Nova de Lisboa. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem. Leciona na Casa Amarela Eusélio Oliveira, equipamento da UFC. Expôs em mostras coletivas, como a exposição *Terra em Transe*, Festival de Fotografia de Tiradentes (MG) 2016 e 2017, Encontros de Agosto 2011, 2012, 2014 e 2016; 69º Salão de Abril, deVERcidade 2007, XIV Unifor Plástica e a exposição *Postais do Ceará*. Fez parte do conselho curador dos Encontros de Agosto 2013. Seu trabalho *Memento Mori* foi contemplado com o Prêmio Chico Albuquerque de Fotografia.





Fernando Maia da Cunha

Diários de um viajante do tempo

Diários de um viajante do tempo; cheiro de história, rastros de memória, ruídos do tempo e um pouco de imagem. Este ensaio busca pensar quais são as ficções que os sujeitos tomam para si que despertam as narrativas autobiográficas e como as imagens sedimentam essas lembranças que são perpassadas por uma série de momentos que estão fora do controle do sujeito, racionalizando a memória. Neste sentido, este ensaio busca mergulhar nos processos de construção da imagem autobiográfica, atualizando as histórias de vida para fundamentar as memórias e validá-las. A imagem revela a memória que traz consigo, essa que continuará, em seu devir, a atravessar outros presentes, uma vez que sempre, diante da imagem, estamos diante de tempos e de quem somos. Abre-se assim uma possível estratégia para enfrentar desafios estéticos, conceituais e políticos, proporcionando uma configuração esperançosa de mudança para esses tempos sombrios.

Formou-se em Belas Artes na PUC (RJ). cursou especialização em Fotografia e Vídeo na Nordic Folk High School Biskops Arnö, (Suécia). Pós-graduado em Fotografia, Imagem e Comunicação na UCAM (RJ). Mestre em Comunicação - Fotografia e Audiovisual e doutorando em Psicologia (UFC). Fotógrafo, pesquisador, diretor de fotografia e professor da UFC, no Instituto de Cultura e Arte (ICA). Como professor pesquisador é líder do Gaeic - Grupo de Análises e Estudos da Imagem Contemporânea - Narrativas de Si e tem como grupo de pesquisa o Imago - Laboratório de Estudos de Estética e Imagem e o Paralaxe - Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica.

Foto 01

Vista turva, tudo escuro, aos poucos tudo fica nítido. Estou no tempo e na cidade certa, Tirana. Procuro a praça Skandervaj, ansioso, olho para a direita, na outra pista e ao longe de costas vejo o que procurava, meu pai abraçado consigo ao meio. Fico parado observando.



Foto 03

Está tudo escuro, experimento outro salto no tempo, mesmo tonto me localizo, estou ainda na Albânia na praia de Durres. Dessa vez não mais à frente em direção ao hotel Adriatik, ao longe vejo meu pai fotografando a mim e minha mãe indo comprar soldadinhos de chumbo no hotel.



Foto 02

Passo a seguir-las, preciso confrontar minhas memórias. O presente está compreendido de maneira implícita em milhões de memórias que precisam de luz, preciso continuar aqui, neste tempo, neste tempo, neste lugar, não posso perder a conexão e ficar ao longe escondido ao lado da árvore.



Foto 04

Outro salto no tempo, me acostumo mais rápido do que antes. Ainda estou tonto e com a vista turva ao vejo em Paris, no Champ de Mars. Decididamente vejo que meus retornos no tempo seguem uma lógica, estão ligados as fotografias dos albuns. Já sei onde os encontraria, apresso o passo, pela pista que leva aos jardins ao torno da torre Eiffel, e não acho nada. Mas ao retornar e olhar na fotografia, me vejo passando.





Galba Nogueira

Ensaio para Fortaleza Resistência

O processo de urbanização histórica de Fortaleza alia a indústria da construção civil e a especulação imobiliária que produziram a quase completa erradicação dos espaços naturais do cenário local. O ensaio traz à tona o contraste e revela as paisagens e os efeitos da interação humana, a disputa pela sobrevivência entre duas óticas dentro da metrópole. De um lado, carros, prédios, viadutos; de outro, imagens evidenciam personagens que resistem em uma cidade que não foi feita para eles.

É fotógrafo com trabalhos autorais há 10 anos. Graduado em Sociologia (UFC). Dedicase a capturar as sutilezas das margens, a poesia urbana que se manifesta nas mais variadas situações da periferia à beira-mar. Ganhou o Prêmio Chico Albuquerque de Fotografia (2014). Contemplado com projetos nas secretarias de cultura municipal e estadual (2014 a 2018). Dentre exposições e publicações, ministra atividades de integração, como o curso de formação no Curió em memória à chacina ocorrida em 2015; oficina de fotoativismo no CDVHS, no Bom Jardim; e a oficina de Fotografia e Direitos Humanos, no Escritório de Direitos Humanos. Atualmente, percorre escolas públicas com a exposição *A Fortaleza de outras espécies*.





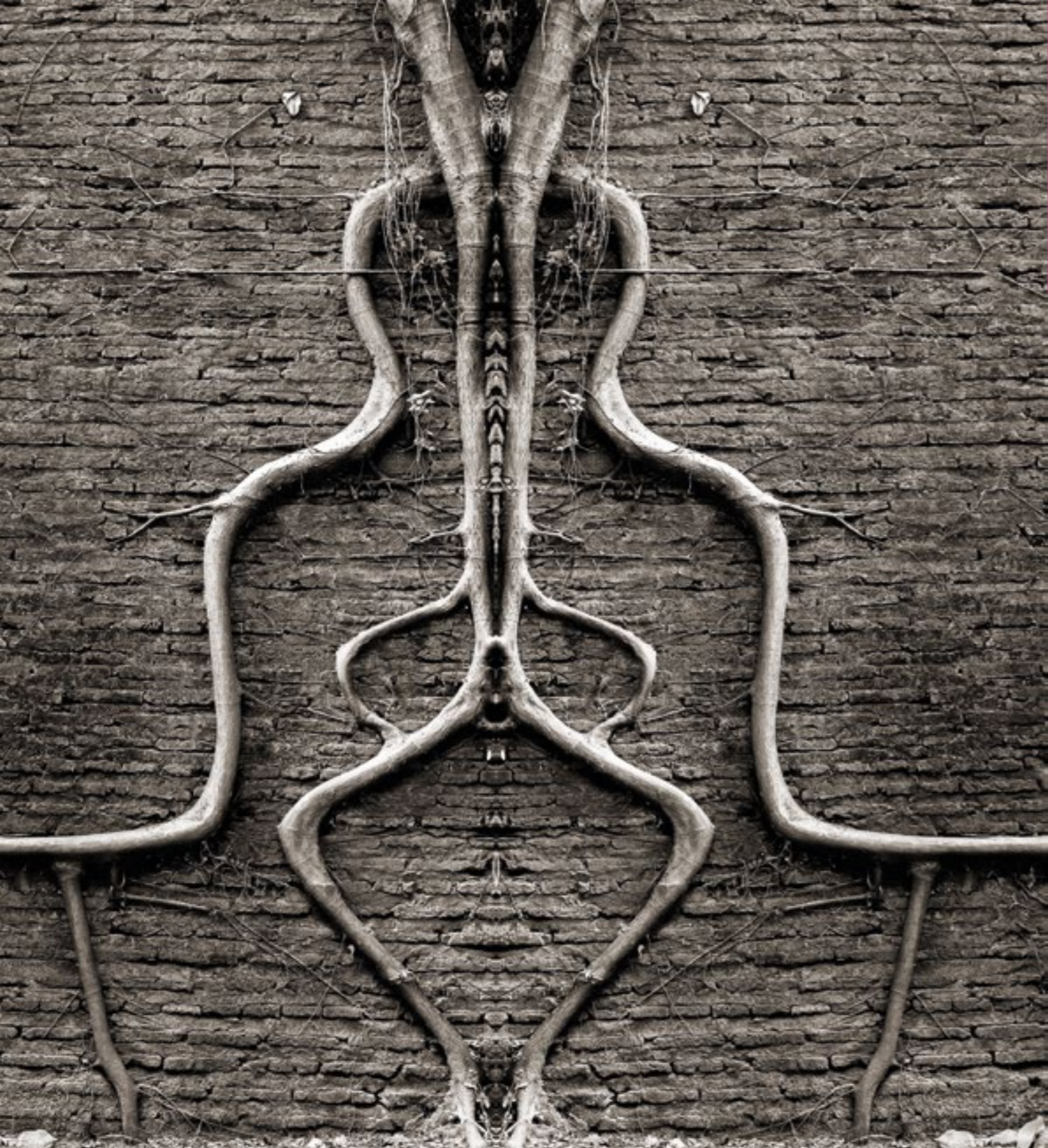
Henrique Torres

O vento que vem do mar

Este ensaio é um comentário visual sobre a crônica “Mar/Sertão”, de Henrique Araújo, publicada no jornal *O Povo* (2018), em que o autor se refere aos efeitos físicos e simbólicos da corrosão pela maresia sobre a cidade de Fortaleza. Para o cronista, a convivência com a erosão vinda do mar que a cerca fez a cidade envolver-se em uma “geografia de ruína”, com os mais diversos reflexos nos seus padrões urbanísticos, arquitetônicos e mesmo comportamentais. Sem pretender explorar completamente uma inter-relação tão ampla, o ensaio detém-se sobre alguns trechos da faixa litorânea fortalezense, apresentando a ação corrosiva indissociável da presença ou proximidade do mar, em uma alegoria ao entranhamento dessa corrosão marinha trazida pelos ventos até a própria alma da cidade.

Nasceu em 1951, em Recife/PE, e reside em Fortaleza desde 1961. Graduado em Medicina em 1974 (UFC), atua na fotografia há 20 anos. Tem participado de exposições coletivas, como Salão de Abril (2005), Unifor Plástica (2007, 2009), deVERcidade (2005 a 2007 e 2010) e Encontros de Agosto (2015); e individuais – *Noturno* (2003), *Fortaleza Noturna* (2007) e *Nas esquinas* (2010). Autor de vários e-books (<http://issuu.com/henrit/>). Membro fundador e ex-presidente do Instituto da Fotografia – IFoto. Seu trabalho situa-se entre documental e abstração, tendo por foco a relação entre homem e forças naturais. Mostras de sua produção podem ser vistas no Instagram @henriqat ou no site www.henriquetorres.net.





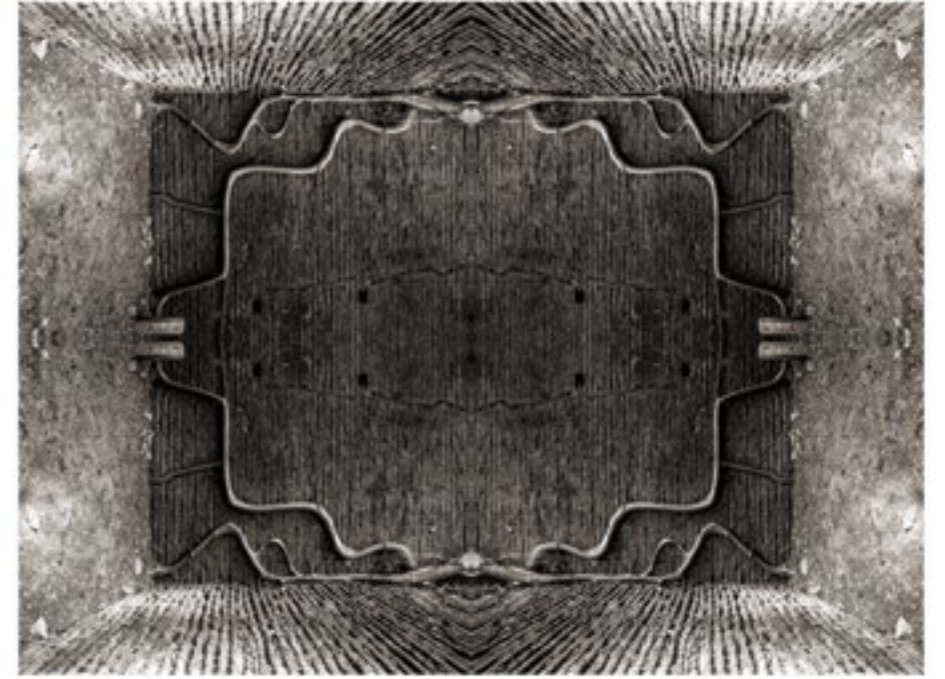
Ianara Alencar

Radical

Este trabalho foi inspirado no movimento das raízes que, de forma silenciosa, rompem muros e expressam sua resistência às agressões em seu ambiente, emergindo do solo escuro para mostrar-se à luz em total desobediência à sua natureza. Uma metáfora necessária aos dias de hoje a nos lembrar que, em tempos sombrios, precisamos atravessar a escuridão para resistir de forma radical, no sentido mais amplo da palavra: no seu extremo e na sua origem, e denunciar a toda forma de opressão, violência, censura e intolerância.

“As ameaças e as guerras havemos de atravessá-las, rompê-las ao meio...” (Maiakovski)

Nasceu em Fortaleza/CE, onde se formou em Psicologia e atua como psicanalista há 18 anos. Fez o primeiro curso de fotografia nos anos 2000 (SENAC/Fortaleza), mas a arte fotográfica ficou esquecida até 2017, quando voltou a se dedicar a formações na área. Nos dois últimos anos, participou de forma intensa de cursos e workshops realizados na Travessa da Imagem, Museu da Fotografia e Imagem Brasil Galeria. Em 2018, o ensaio *Raízes Agônicas* foi pré-selecionado no festival Paraty em Foco (RJ) e exposto no Festival Verbo Ver. Em 2019, *Raízes* foi também pré-selecionado no festival Paraty em Foco. No mesmo ano, participou do livro *Ontologias* vol. II, editado por Pedro David na Imagem Brasil Galeria. Instagram: @nara_alen. Email: naraalen@gmail.com.



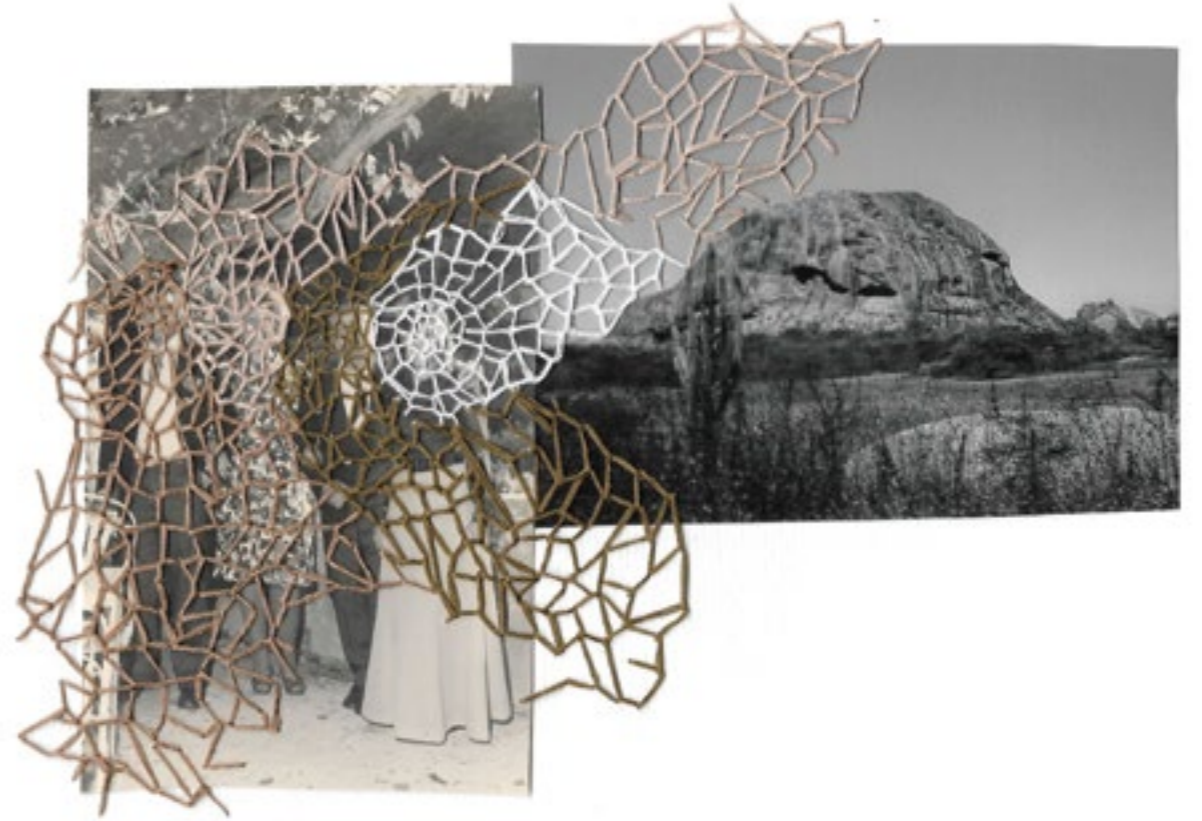


Jamille Queiroz

Tramas invisíveis

Um acervo de fotografias de estranhos, abandonadas na rua. Foi assim que iniciei esse projeto de fotografias bordadas. Comecei a colecioná-las e a criar narrativas imaginárias sobre aquelas pessoas retratadas. Pessoas de 50, 80 anos atrás. Pessoas com as quais não tive contato algum, exceto pela fotografia que restou, e que pairam pelas ruas da cidade como fantasmas. Acolher essas fotografias e transformá-las em uma nova imagem, traçando linhas e criando novas vidas em um suporte de papel já desgastado. Em tempos de um exagero na quantidade de produção de imagens digitais, ressignificar essas fotografias já existentes é uma forma de teimosia em criar variáveis a partir de signos imagéticos, em que podemos deslocar a interpretação dessas narrativas para algo pessoal e íntimo, em contato com o caminho manual das linhas.

Estudou Letras na UFC e o encantamento pela construção de imagens levou-a a traçar encontros com Literatura. Desde 2012, atua como fotógrafa e artista visual, áreas em que realizou trabalhos de fotojornalismo, moda, dança, fotografia documental e foto-performances. Ministrou cursos de Fotografia Documental, Fotografia e Literatura e arte têxtil e intervenções em fotografias. Aprendeu a bordar com a mãe, Dona Lourdes, dando continuidade a esse ofício ensinado por várias gerações. Em 2015, iniciou experimentos com bordado em fotos impressas. Desde então, vem investigando formas de inserção do bordado em outras superfícies para intervir nas imagens. Estuda os diálogos possíveis entre o bordar sobre uma imagem e a autonomia de ficcioná-la.



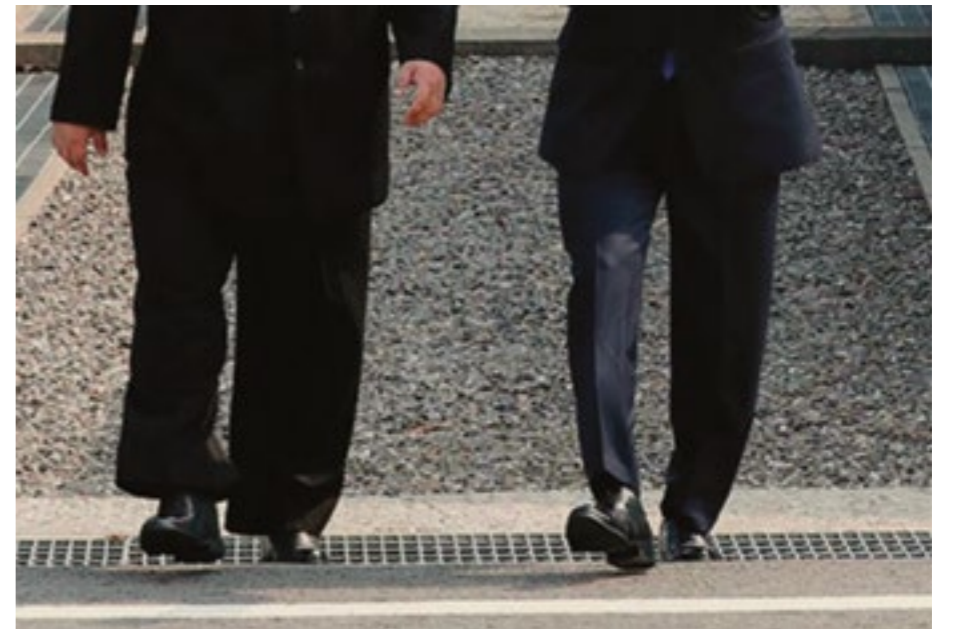


Júnior Pimenta

Pernear

Pernear surge a partir do encontro que aconteceu em 26 de abril de 2018, entre o ditador da Coreia do Norte, Kim Jong-un, e o presidente sul-coreano Moon Jae-in, que se reuniram na fronteira entre os dois países para um encontro histórico. Kim é o primeiro líder norte-coreano a cruzar a linha de fronteira e entrar no sul desde a Guerra da Coreia, há 65 anos. Após se cumprimentarem, Kim cruzou a pé a linha de demarcação militar que separa os dois países, de mãos dadas com Moon. Em abril, mesmo sem saber o que iria fazer, o artista começa a guardar todas as imagens desse encontro histórico, gerando um arquivo, que resultou no desenvolvimento do trabalho. Em *Pernear*, constrói-se uma linha do horizonte, linha simbólica da fronteira entre os dois países e, nesse jogo de tensionamento, no simples ato de passagem de um lado para o outro, já não sabemos mais de que lado eles estão.

Artista visual, vive e trabalha entre Fortaleza e Belo Horizonte. Mestre em Artes pela UFC, com pesquisa sobre a crise de representação, pertencimento e estratégias artísticas em tempos sombrios, sob orientação de Moacir dos Anjos. Realizou exposições individuais e participou de várias mostras coletivas. Possui obras em coleções públicas: Museu de Arte Contemporânea do Ceará - Dragão do Mar, Centro Cultural Banco do Nordeste, Coleção da Cidade do Centro Cultural São Paulo, Coleção da Prefeitura de Fortaleza. Editor da revista *Reticências*, compõe o conselho editorial das revistas *Arte ConTexto* (Porto Alegre) e *Canguru* (Curitiba). Desenvolve projetos curatoriais, editoriais e educacionais como entrecruzamento de pensamentos, gerando um processo indissociável na construção de sua poética.





Leo Henriques

Mystikos

Mystikos é o devoto que contempla o mistério, é o divinal que adentra a alma, é o comportamento, é o espiritual. É o alegórico, o sagrado e o profano, são todos aqueles que procuram atingir a união intrínseca com a divindade através da fé, puramente. Costume e tradição. Fuga da razão. Penitência e cura. É a música. É o canto.

Fotojornalista, administrador de empresas, sempre teve profunda admiração pela fotografia como forma de expressão. Seu principal objetivo na fotografia é transmitir fortes sentimentos de respeito, carinho e admiração pelo mundo que o ser humano faz parte e que muitas vezes desconhece.



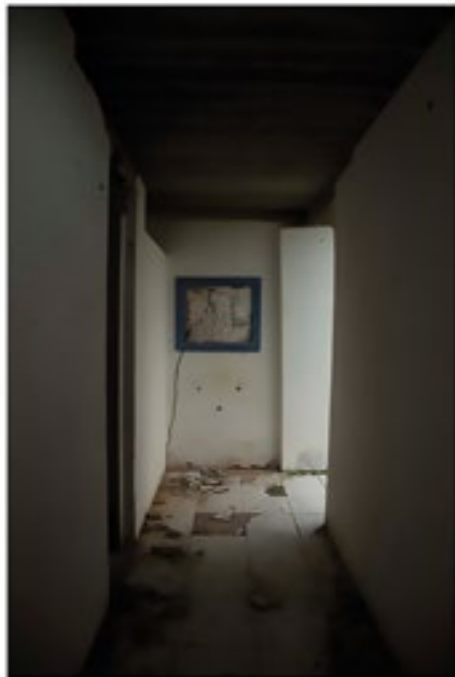


Marília Oliveira

Linha de costa

O avanço do mar ameaça construções litorâneas ao longo da orla cearense. A construção de espigões e barreiras de proteção, a ocupação desenfreada da região costeira, retenção de sedimentos em empreendimentos comerciais e tentativas de conter o avanço do mar fazem de cidades, como Caponga, no Ceará, uma paisagem em constante mudança. As ondas derrubam o que antes era hotel, resort, casa de veraneio. *Linha de costa* se ocupa da memória do presente, de tecer fios da história do que está sempre por se destruir – e assim se modifica e se reconstrói.

Fotógrafa, educadora, mestra em Comunicação (UFC). Forma o Descoletivo com Régis Amora. Integrou mostra no Festival Encontros da Imagem, em Portugal (2013). Em 2015, o Descoletivo realizou exposição e lançamento do livro *Afetos Urbanos*, no Espaço Cultural dos Correios. Em 2016, publicou *Séries sobre o Sutil* pelo Instituto Bela Vista/Secultfor. Em 2017, expôs a pesquisa individual *Você Mereceu*, premiada pelo Instituto Dragão do Mar, e o Descoletivo venceu o edital LGBTTT de Cultura, com o fotolivro *Tempo Imperfeito – uma fotobiografia de Camilly Leycker*. Em 2018, expôs *Remissão* no Espaço Cultural dos Correios e *Você Mereceu* integrou coletiva no Espace Thorigny (FR). Em 2019, *Linha de Costa* foi exposta em quatro salas no MAC/ Dragão do Mar, e o livro da pesquisa lançado.





Matheus Dias MDIAS PRETO

REU

REU é a sigla para Residência Universitária, também é uma palavra que abre caminhos para outras interpretações – Réu, aquele que é autor ou coautor de um crime, e Hell, inferno na língua inglesa. O trabalho é um encontro e uma descoberta do universo individual e, às vezes, coletivo das moradoras bichas/transviadas da residência universitária. Escolhi fotografar somente os quartos do corredor que é conhecido como “O corredor das Bixas”. Aqui nenhuma delas é réu ou está em um hell, todas são seres que merecem respeito e amor por quem são. As fotografias são registros do cotidiano, apresentando a essência de cada pessoa fotografada e a escolha pelo trivial é para aproximar os observadores dos fotografados. Além disso, são registros da arquitetura dos quartos, que apesar de apresentarem planta arquitetônica e disposição de móveis iguais, são completamente diferentes um dos outros. Cada quarto possui um universo diferente que é construído por quem o habita.

Artista visual, trabalha com fotografia, vídeo e colagem. Busca tencionar questões de raça, corpo, gênero e LGBTQI+. Com o heterônimo MDias Preto, atua com arte expandida, utilizando as cores como meio de criação de um universo paralelo. Foi aluno do percurso básico de fotografia da Escola Porto Iracema das Artes e na Casa Amarela Eusélio Oliveira. Participou de diversas exposições coletivas: *Mostra de Fotografia Universitária* (Festival Nóia), *Mostra Contrastes* (Festival Curta o Gênero), *Miragem* (Foto Festival Solar), *Mostra Cearense de Fotografia* (Festival Verbo Ver). Também permeia pelo universo da moda, onde recebeu premiação de melhor fashion film talento estudantil da Mostra Dragão Fashion Move Moda 2019.





Ney Onofre

Lembrar em silêncio

Testemunho do passado, Sachsenhausen, na Segunda Guerra Mundial, foi o princípio de onde podem chegar a violência e o desprezo humano para com a sua própria espécie. Entre 1936 e 1950, o primeiro de uma série de campos de concentração alemães e, posteriormente, campo de concentração soviético, onde milhares de opositores políticos, judeus, ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová e prisioneiros de guerra padeceram e morreram de diversas formas. *Lembrar em silêncio* é o que nos resta; o nosso respeito, compreensão e estima do que aconteceu é o que nos toca para não se repetir.

Fotógrafo autoral.

- Curso completo iniciação ao avançado na Travessa da Imagem.

- Expositor no Galpão Super 8, 2014.

- Expositor Encontros de Agosto, 2015.

- Expositor Arte do Rio Mar, 2016.



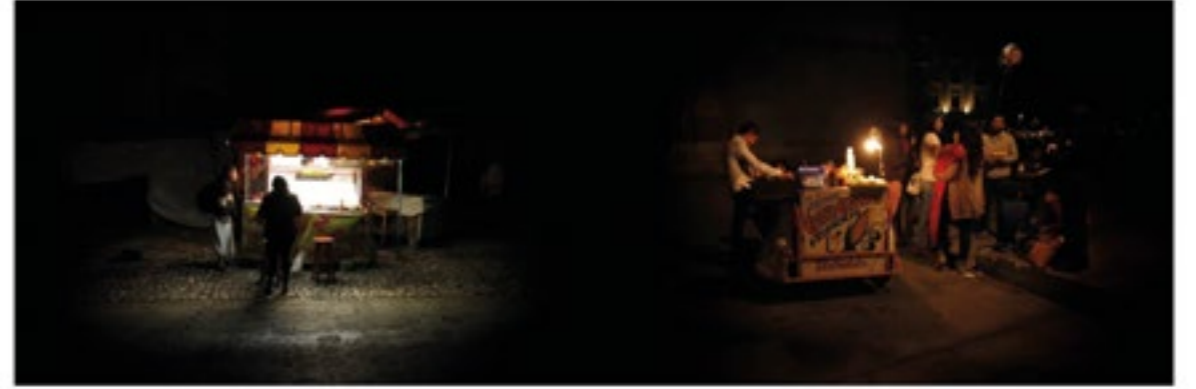


Osmar Gonçalves

A sobrevivência dos vagalumes

Esta série surge de uma questão primordial: afinal, quais são os limites e as fronteiras dentro da cidade? Para quem ela vem sendo pensada e construída hoje? Desde 2014, tenho viajado por diversas cidades da América Latina fotografando as ruas à noite e, em cada uma delas, me surpreendo com o grande número de ambulantes povoando as praças, ocupando as calçadas, disputando cada centímetro vago nas esquinas. Envolto na penumbra, eles emergem como vagalumes, como pequenos seres luminescentes, erráticos que, por meio de seus gestos nômades, afirmam outros modos de compreensão da cidade, outras formas de viver e praticar o espaço urbano. É que diante dos projetos de urbanização atuais, marcados pela gentrificação, pela assepsia e espetacularização dos espaços, os ambulantes surgem como forças de resistência, como pequenas insurgências a nos oferecer um tipo de experiência desviante – experiências que desorganizam as fronteiras, que subvertem as linhas demarcatórias do espaço urbano, reafirmando usos mais lentos e coletivos da cidade.

Fotógrafo paulista, reside há 9 anos no Ceará. Pós-Doutor em Cinema e Arte Contemporânea pela Sorbonne Nouvelle, membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. É vencedor do prêmio FUNARTE de Produção em Artes Visuais (2013) e do Prix Photo (2019). É líder do Imago – Laboratório de Estudos de Estética e Imagem (UFC). Participou do Encontros de Agosto (2016), Festival Verbo Ver (2018), *Miragens* – Festival Solar (2018) e no Fotosururu (2019) ganhou Menção Honrosa com o ensaio *A Sobrevivência dos Vagalumes*. Tem diversos artigos e livros publicados, entre eles: *Narrativas Sensoriais: ensaios sobre cinema e arte contemporânea* (Circuito, 2014) e com Susana Dobal, *Fotografia Contemporânea: fronteiras e transgressões* (Casa das Musas, 2013).





Rafael Vilarouca

Sala de estar

Produzida em Juazeiro do Norte (CE), as imagens de sofás deteriorados atuam como metáfora de memórias e registros de intenções fracassadas. Os desgastes denotam não apenas a passagem do tempo, mas, sobretudo, o acontecimento dos enredos individuais ou sociais, evidenciando fragilidade, afetos e violências que constituem as relações.

Artista visual e fotógrafo natural de Icó (CE), vive em Juazeiro do Norte (CE). Licenciado em Artes Visuais e bacharel em Direito pela URCA. Em 2016, foi aluno residente no Laboratório de Criação do Porto Iracema das Artes, em Fortaleza (CE), com o projeto *Violência Simbólica*, tendo sido premiado em 2015 no 66º Salão de Abril. Participou de diversas mostras: individual *Desindústria* no MAC em Fortaleza (CE), na Galeria de Artes SESC Crato (CE), no Centro Cultural São Paulo em São Paulo (SP) e no CCBNB Cariri em Juazeiro do Norte (CE); individual *Corpo Santo*; no Sobrado José Lourenço em Fortaleza (CE); coletiva *Dentro do Brasil cabe o mundo*, no SESC Quitandinha em Petrópolis (RJ); 5º Salão de Outono da América Latina, no Memorial da América Latina em São Paulo (SP).



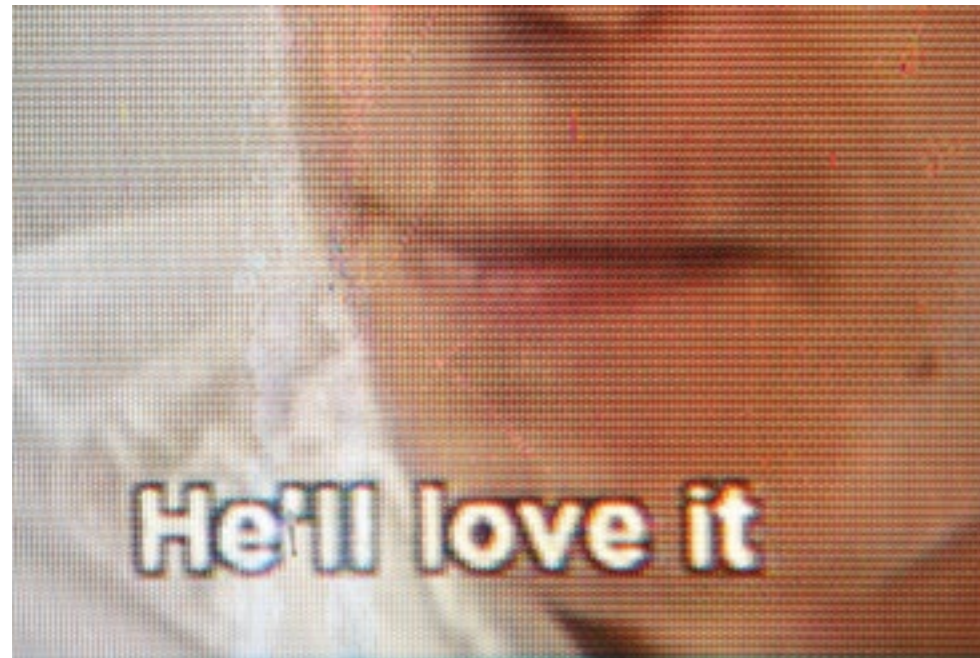


Régis Amora

CINE CASA

Há uma concepção de memória que, quando aplicada à fotografia, nos leva a entendê-la como um processo de criação de passados. Ao ler uma fotografia podemos dizer que lemos o passado nela a partir de sensações do presente. O trabalho *CINE CASA*, neste sentido, busca emular sensações de um tempo remoto a partir da arquitetura e de condições atuais de residências que, hoje, abrigam dezenas de cines eróticos no Centro da cidade de Fortaleza. *CINE CASA* investiga as configurações atuais destes territórios destinados a encontros sexuais, procurando vestígios do que já foram; fugindo à lógica da deterioração de seus espaços e buscando, mais que isso, encontrar as camadas que vão se sobrepondo às suas arquiteturas, estas agora com outra utilidade.

Fundador e coordenador do Descoletivo, com Marília Oliveira. Facilita cursos e oficinas de Fotografia. Finalista do prêmio La Salita (ES) com o ensaio *Corpos*. Participou de exposições no SESC, Centro Dragão do Mar, Museu Pio XII (PT), Espaço Cultural Correios, Centro Cultural Banco do Nordeste. Publicou trabalhos nas revistas *Digital Photographer Brasil* e *Olho de Peixe*. Dirigiu com Marília Oliveira o curta *O Sonho de Nina*. Em 2016, a exposição individual *CINE CASA* integrou o Festival Internacional Outono Fotográfico (ES). Em 2017, o Descoletivo lançou as publicações *Séries sobre o Sutil*, no Programa de Produção e Publicação em Artes da Secultfor, e *Tempo Imperfeito*, no I Edital com temática LGBTT/Secult. Em 2018, foi premiado com o trabalho *CINE CASA* no 69º Salão de Abril.





Ricardo Arruda

Ensaio para o fim do mundo

Em face ao Antropoceno, o homem deixa de ser agente biológico e se torna uma força geológica, capaz de alterar a paisagem do planeta e comprometer sua própria sobrevivência como espécie e a dos outros seres vivos. Deixamos de apenas temer a catástrofe para nos tornarmos a catástrofe. Em um cenário apocalíptico, optamos na manutenção do que pretendemos salvar e aniquilamos diariamente muitos mundos e pontos de vista. Os *Ensaio para o fim do mundo* são um conjunto de imagens temáticas, cada uma delas consideradas per si como um ensaio, abordando ou questionando as nossas relações com a alteridade, conosco e com o planeta. Em suma, o ensaio problematiza esteticamente o mundo ocidental capitalista, colonialista, imperialista, a partir de seus icônicos dilemas e acordos discordantes, seus desequilíbrios, suas guerras, catástrofes, desrespeitos, etnocídios, esse mundo onde predomina a hierarquia e a mão de ferro violenta e a-utópica do homem branco, cristão, mundo este tão bem definido por Kopenawa, onde “os brancos queimam o peito do céu com a fumaça do metal que eles arrancam da terra”.

Doutor em Sociologia (UFC), com estágio doutoral em Antropologia (Lyon II). Exposições coletivas: *Passion*, Travessa da Imagem (2015); Festival de Fotografia do Sertão, 2ª. Edição; *Ausência*, Feira de Santana (BA, 2015); *Vertigens*, Festival Encontros de Agosto (2016/2017) e Festival de Fotografia de Tiradentes (2017); *Betwixt and Between*, 68º Salão de Abril Sequestrado (2017), *Ensaio para o fim do mundo*, Festival Verbo Ver (2018); *Matadores*, Festival Solar (2018). Participou de vários cursos e workshops com Guy Veloso, Walter Firmo, Eder Chiodetto, Celso Oliveira (Círio de Nazaré, 2016, Belém/PA) e residência artística com Eustáquio Neves (MG, 2017).





Sérgio Carvalho

Barreiro Branco

Envolvido com a ideia de “amarrar o tempo no poste” do poeta Manoel de Barros, passei a visitar Barreiro Branco, buscando em imagens do presente, o tempo passado que permanecia na minha memória de menino. Nesse exercício do olhar, revisitei espaços e pessoas na tentativa de (re)construção e re(significação) do passado e do presente. Este ensaio faz parte do livro *Barreiro Branco*, lançado em 2018, que traz imagens da cidade, onde passei parte da minha infância, da desordem e dos encontros da feira de todos os sábados, quando as velhas camionetes de cores fortes, movidas a gás de cozinha, invadiam as ruas e os becos, transportando gente, farinha e bode. É essa a cidade, uma mistura entre o real e o imaginário, que procuro reter no tempo.

Começou a fotografar na década de 1990. Desenvolve a fotografia como expressão artística e documental. Publicou os livros: *Docas do Mucuripe* (2010) em coautoria com o fotógrafo Paulo Gutemberg, e *Retrato Escravo* com o fotógrafo João Roberto Ripper, indicado como um dos melhores livros de fotografia de 2010 pelo Internacional Photobook Festival 2011 (Kassel, Alemanha); *Barbearia do Tempo* (2011); *Às vezes, criança – Um quase retrato de uma infância roubada* (coautoria com o poeta maranhense Rubervam Du Nascimento); *Homens-Caranguejo* (obra coletiva); em 2016 - *Caminho das Abelhas* (obra coletiva) e *Sereias* (coautoria com a fotógrafa Fernanda Oliveira); e *Barreiro Branco* (2018). Recebeu Menção Honrosa pela participação no POY LATAM (2013).





Tarcísio de Almeida Filho

Sertão - a beleza da resistência

O ensaio propõe um sertão mais alegre, dando ênfase às suas belezas naturais, humanas e à relação entre o ser e o ambiente em que vive. Diferente do sertão associado à seca e à escassez, o ensaio, além de retratos e de recortes do cotidiano, ostenta cores e momentos lúdicos de uma infância tenra e livre das imposições urbanas, como a tecnologia e a internet. Busco o simples e o enigmático, o real e o imaginário. Os momentos que recorto do tempo não são apenas o que vejo com olhos, mas também o que projeto com o coração.

Nasceu em Quixeramobim (CE). Começou a se dedicar a fotografia em 2009 e aos poucos foi descobrindo o sertão, tema hoje predominante em seu trabalho, sobre o qual já fez algumas exposições em sua cidade natal e em Fortaleza. Atualmente, trabalha como fotógrafo e com projetos relacionados ao audiovisual. Tarcísio Filho é membro da Academia Quixeramobinense de Letras, Ciências e Artes (AQUILETRAS).





Valdir Machado Neto

Postais à jabuticabeira

Nativa da Mata Atlântica, naturalmente brasileira, a Jabuticaba é alusão frequente ao que é próprio do nosso país, em geral associada ao exótico, ao estranhamento. Fala-se do “país das jabuticabas” ao mencionar a hiperinflação acumulada até meados da década de 1990 e a tomada de 3 pinos, entre outras particularidades. Este ensaio se une a essas situações extravagantes, especialmente comuns em se tratando do descaso que permeia as três esferas do poder público, aqui sintetizadas no papel da famigerada árvore, cujos frutos são os inúmeros exemplos de obras públicas abandonadas. O mote é retratar em estética de cartões-postais uma série de equipamentos mal planejados e/ou mal geridos, incorporados à paisagem urbana de cidades turísticas como Fortaleza (CE), Recife (PE), Brasília (DF) e Alcântara (MA). Intervenções nas imagens foram efetuadas manualmente de modo a insinuar o mau tratamento dispensado a esses prédios, uma ironia entre suporte/função/realidade. Após concluídos, os postais são encaminhados via Correios ao órgão público responsável.

Natural de Fortaleza, teve o primeiro contato com a fotografia enquanto expressão artística há 6 anos, quando iniciou cursos básicos. Com a continuação autodidata dos estudos, participou de laboratórios de fotografia contemporânea, exposições coletivas, a exemplo do Encontros de Agosto (2015 e 2017), no qual foi selecionado entre os melhores trabalhos que figuraram em projeção no Festival Outono Fotográfico na Galícia, Espanha. Participou do Encontro Alumiar de Fotografia (Encontro dos Sertões), em Araruna (PB), foi finalista do FestFoto PoA (2018) e participou das primeiras edições dos festivais Verbo Ver e Solar. Foi colaborador da revista *Vós*, na qual co-assinava a coluna ISO. Em 2016, foi eleito diretor executivo do IFoto, exercendo o cargo até o final de 2019.





Celso Oliveira é fotógrafo, um grande fotógrafo!

Silas de Paula

Inquieto, coloca em xeque o privilégio da percepção comum, o que torna impossível traduzir suas imagens em palavras - ele vê com o coração. Como disse o escritor Gilmar de Carvalho, Celso “amplia as possibilidades do olhar e abre brechas para a epifania”. Suas fotografias chegam a atuar metonimicamente, apontando para toda uma gama de relações que nos levam a ver, a pensar, a sentir. Mergulhar em seu arquivo, fazer cada imagem emergir é uma tentativa de criar - apesar da incompletude de totalidade nos critérios de seleção - uma síntese de imagens guardiãs que estão à espera do retorno àquela avalanche de sentidos experimentada no momento do clique. São fragmentos de vida que descansam, esperando que o inconformismo nos sonhos guardados do olhar do fotógrafo transforme o espaço subjetivo da vida vivida na procura cotidiana de qualquer povo pela vida sonhada.

Sobre o artista

Nos mais de quarenta anos de profissão, Celso Oliveira participou de diversas exposições individuais e coletivas. Suas fotos ilustram páginas de publicações no Brasil e no exterior e estão presentes em acervos de instituições culturais brasileiras e de diversos países. Com reconhecimento nacional e internacional, a obra do fotógrafo revela, além da paixão pela fotografia, um olhar sensível sobre o cotidiano e a cultura brasileira.



Experiências que impactam em emoções

Patricia Veloso

Sonhos, acredito neles!

O Encontros de Agosto começou grande. Em 2011, realizamos mais de 30 eventos, que aconteceram simultaneamente na cidade de Fortaleza, em parceria com o Centro Cultural Banco do Nordeste e outros tantos colaboradores.

De lá até 2017, fizemos a fotografia cearense acontecer em Braga (Portugal), na Corunha (Galícia), em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e em intercâmbios que se intensificaram também no Peru, no Uruguai e em todos os estados do Nordeste.

Em 2018, ampliamos a programação e o Encontros de Agostos deu lugar ao Verbo Ver. Convictos de manter forte ênfase na produção cearense e nas possibilidades de trocas com o Brasil e o mundo, nessa edição, a mediação do FestFoto - Porto Alegre favoreceu diálogos com a Colômbia.

Agradecemos imensamente a todos que participaram como colaboradores e como artistas ao longo desses anos.

Do futuro nada se sabe, nunca se sabe...
Seriam mesmo os sonhos realidade?

Que a arte liberte sempre, e nos liberte sempre.

Programação do festival

14 DE NOVENBRO

Porto Iracema

Bússola Fotográfica -

Carlos Carvalho (RS)

Por que Fotografar o outro? -

Tiago Coelho (RS)

Cuca Jangurussu

Fotografia urbana e os processos

criativos - **Luiz Baltar (RJ) e**

Lia de Paula (CE)

15 DE NOVENBRO

Museu da Fotografia

LEITURA DE PORTFÓLIO

Imagem Brasil Galeria

O que vem antes -

Isabella Lanave (PR)

RODA DE CONVERSA -

Mulheres da Imagem

EXPOSIÇÃO -

Celso Oliveira

Porto Iracema

Cidades Alfa - **Lucas Lenci (SP)**

Por que Fotografar o outro?

Retratos - **Tiago Coelho (RS)**

A experiência do Fotolivro -

José Diniz (RJ)

16 DE NOVENBRO

Museu da Fotografia

LEITURA DE PORTFÓLIO

PALESTRA -

Por que Fotografar?

Ronaldo Entler, Silas de Paula

e Osmar Gonçalves

Porto Iracema

A experiência do Fotolivro -

José Diniz (RJ)

A cidade somos nós a fazê-la -

Luiz Baltar (RJ)

Imagem Brasil Galeria

O que vem antes -

Isabella Lanave (PR)

17 DE NOVENBRO

Imagem Brasil Galeria

RODA DE CONVERSA - Encontros

com Coletivos - **Eduardo Queiroga,**

Isabella Lanave e Tiago Coelho

Museu da Fotografia

PALESTRA - Bienal de Bogotá

Gilma Suárez (Colômbia)

PALESTRA ABERTA - Por que

Fotografar? - **Fotógrafos cearenses**

e convidados, com apresentação

de projeção de fotógrafos

selecionados e premiados

Praça do Leões

FEIRA FOTOGRÁFICA

FOTOFESTA

18 DE NOVENBRO

Hotel Sonata

RODA DE CONVERSA -

Rumos e intercâmbios

Encontros com convidados

28 E 29 DE NOVENBRO

Sala Multiuso Ecoa, Sobral - CE

A cidade somos nós a

fazê-la - **Luiz Baltar (RJ)**

Quem somos

Coordenação Verbo Ver Festival de Fotografia | Patricia Veloso, Silas de Paula, Carlos Carvalho, Lia de Paula

Convidados | Carlos Carvalho (RS), Cristiane de Almeida (SP), Eduardo Queiroga (PE), Eugênio Sávio (MG), Francesca Nocivelli (Itália), Gilma Suárez (Colômbia), Isabel Gouvêa (BA), Isabella Lanave (PR), João Kulcsár (SP), José Diniz (SP), Lucas Lenci (SP), Luiz Baltar (RJ), Márcia Mello (RJ), Ronaldo Entler (SP), Tiago Coelho (RS), Beto Skeff (CE), Coletivo Mulheres da Imagem (CE), Marília Oliveira (CE), Osmar Gonçalves (CE), Silas de Paula (CE)

Fotógrafo homenageado | Celso Oliveira

Produção Executiva | Lara Veloso, Renata Vasconcelos e Glicia Gadelha

Monitoria | Marcella Oliveira, Anie Barreto, Karine Araujo, Nágila Gonçalves, Djeyne Rudolf

Comunicação Visual | Barbara De Salvi, Marina Monteiro

Assessoria de Imprensa | Degagê Comunicação

Comunicação Mídias Sociais | Ana Portela

Parceiros | Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre - FestFoto (PoA), Museu da Fotografia de Fortaleza, Instituto da Fotografia - IFoto, Porto Iracema das Artes, Mulheres da Imagem (CE), Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFC), Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil

Site | verboverfestival.com.br

O Festival concedeu premiação aos fotógrafos indicados pelas comissões de seleção: Sérgio Carvalho (1º) e Fernando Maia da Cunha (2º) contemplados com viagem à Bienal de Fotografia de Bogotá (CO) e Beto Skeff para participação no FestFoto (PoA). O fotógrafo Felipe Camilo, que também submeteu seus trabalhos às comissões de seleção, foi convidado por Gilma Suárez a expor na Bienal de Bogotá, viabilizando sua viagem com apoio do Verbo Ver.

PATRICIA VELOSO

Fundadora e Diretora do Festival Verbo Ver

Produtora cultural, editora e curadora. Mestre em Comunicação e Administração de Empresas. Diretora do Encontros de Agosto (2011-2017) e fundadora e coordenadora do Verbo Ver Festival de Fotografia. Administra a Imagem Brasil, galeria e agência de imagens, e a Terra da Luz Editorial. Realiza publicações e exposições de fotógrafos cearenses em importantes centros culturais do país e no exterior. Participou de comissões de seleção em festivais de fotografia nacionais e internacionais. Atualmente compõe a diretoria da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil - RPCFB e da Câmara Cearense do Livro - CCL. Integra o conselho de curadores do Museu da Fotografia de Fortaleza.

SILAS DE PAULA

Conselheiro e Curador do Festival Verbo Ver

Fotógrafo capixaba, reside no Ceará. Ph.D pela Universidade de Loughborough, Inglaterra. Cofundador e ex-diretor do IFoto – Ce; fez parte da comissão julgadora do Prêmio Conrado Wessel, da seleção de projetos para o Edital da Secretaria de Cultura da Bahia, entre outras. Conselheiro e curador do Festival Encontros de Agosto de 2011 a 2017 e do Verbo Ver Festival de Fotografia 2018. Publicou livros e diversos artigos em revistas científicas e jornais, participou de exposições individuais e coletivas, ganhou prêmios nacionais e internacionais. Foi professor do curso de Comunicação e do Programa de Pós-graduação da UFC. É membro do Conselho de Curadores do Museu da Fotografia de Fortaleza e diretor do MIS - Museu da Imagem e do Som - Ceará.

CARLOS CARVALHO

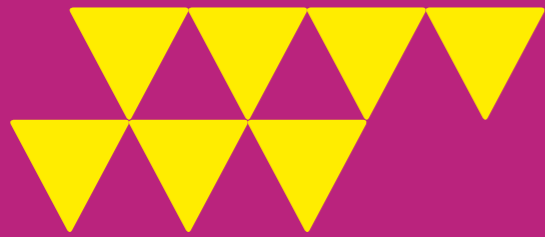
Conselheiro e Curador do Festival Verbo Ver

Carioca, coordenador geral do Festival Internacional – FestFoto (PoA). Atua como freelancer para as principais revistas e jornais brasileiros e publicações estrangeiras. Sócio-diretor da Brasil Imagem – Produção Cultural em Fotografia; editor da revista eletrônica OF Magazine, editada em inglês sobre a fotografia brasileira contemporânea. Foi vice-presidente da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil – RPCFB; membro da CNIC – Comissão Nacional de Incentivo à Cultura/MinC – Biênio 2013/2014 e reconduzido para 2015/2016. Leitor convidado de portfólios de diversos festivais internacionais, assinou curadorias e colaborações com a ACP – Atlanta Celebrates Photography, 2014. Colaborador interno como colunista do LensCulture – Plataforma web de Fotografia Contemporânea, com base em Paris.

LIA DE PAULA

Coordenadora do Festival Verbo Ver

Fotógrafa, formada em Cinema, natural de Fortaleza. Parte da infância e da adolescência morou na Inglaterra, onde cursou 'Media Studies' em Westminster College. Em Fortaleza, trabalhou no jornal *O Povo* e na prefeitura da cidade, participou da produção de livros e de exposições, antes de se mudar para Brasília, onde passou pela Agência Senado e Ministérios. De volta a Fortaleza, vem se dedicando à fotografia autoral e à pesquisa sobre parentalidade.



ISBN 978-85-88112-43-8



9 788588 112438



AGRADECIMENTO:



“ESTE PROJETO É APOIADO PELA
SECRETARIA ESTADUAL DA CULTURA
LEI Nº 13.811, DE 16 DE AGOSTO DE 2006”



APOIO INSTITUCIONAL:



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ